



CINEMA & FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O TRABALHO COM O TEMA TRANSVERSAL DE PLURALIDADE CULTURAL A PARTIR DO FILME “A PRINCESA E O SAPO”

Erica Batista Andrade – Graduanda em Pedagogia/Monitora de Extensão

Ana Catarina de Oliveira Silva – Graduanda em Pedagogia/Monitora de Extensão

Karen Ohana Souza Bastos – Graduanda em Pedagogia/Monitora de Extensão

Senyra Martins Cavalcanti – Professora do Departamento de Educação/UEPB

Universidade Estadual da Paraíba, cinematografouepb@gmail.com

RESUMO: Desmitificar o uso de filmes não apenas como entretenimento, mas mostrar que eles podem ser incorporados no currículo escolar do ensino fundamental, de forma que tanto professores como alunos sejam beneficiados, vem a ser um objetivo perseguido pelo Projeto “O Cinema na Sala de Aula”/PROEX/UEPB. O Projeto tem como perspectiva orientar, assessorar e capacitar professores do ensino fundamental da rede pública de ensino de Campina Grande-PB, para o uso didático-pedagógico de filmes de animação nas salas de aula. A fim de atingir esse objetivo, promovemos uma oficina pedagógica no primeiro semestre de 2015 com o filme “A Princesa e o Sapo”, com sugestões didático-metodológicas de trabalho com o filme a partir do Tema Transversal Pluralidade Cultural dos PCN’s/MEC, abordando temas como: a valorização da diversidade cultural brasileira, o reconhecimento de nossas heranças culturais e a importância de repudiar toda discriminação baseada nas diferenças étnico-raciais em tempos e espaços escolares, bem como destacamos a importância do educador dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, educando seu olhar para novas leituras de imagens, tomando como base o acesso a diferentes tipos de filmes, não ocultando conceitos relevantes para a formação de crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Formação Inicial e Continuada de Professores; Cinema de Animação; Temas Transversais de Pluralidade Cultural; Ciclos I e II; Ensino Fundamental

1. INTRODUÇÃO

“Tudo pode ser desaprendido no cinema; tudo pode ser aprendido no cinema; e tudo pode ser ensinado no cinema”. Este é o pensamento do cineasta Jean-Luc Godard, um grande pedagogo das imagens que acreditava na possibilidade da educação através do cinema. É diante deste pensamento que podemos ter respostas sobre esta nova e rica tecnologia, nos ensinando a sair de um estilo imóvel de educação conservadora, bem como o de superação do fraco acesso aos bens culturais e à experiência cinematográfica, nos afastando do mercado poluído por imagens televisivas de péssima qualidade que nos dominam (GODARD, 2013, p. 24). A partir desta premissa e da proposta do projeto de extensão universitária “O Cinema na Sala de Aula”/PROEX/UEPB, apresentaremos neste artigo o relato de experiência de formação continuada e inicial de professores para o uso didático-pedagógico do cinema, mediante oficina-pedagógica com os professores dos ciclos I e II, na qual exploramos o trabalho com o Tema Transversal (TT) de Pluralidade Cultural no filme “A Princesa e o Sapo”, com apresentação de slides e sugestões de atividades para serem aplicadas às crianças.

2. METODOLOGIA

A oficina do curso de formação continuada “Cinema de animação e educação: teoria e metodologia de trabalho pedagógico com o cinema de animação nos temas transversais dos PCN’S”, foi realizada no auditório II da Central Integrada de Aulas da UEPB, no dia 18 de Abril de 2015, no turno da manhã. O filme utilizado foi “A Princesa e o Sapo” (2009, dir. Ron Clements, John Musker), tendo a Pluralidade Cultural como tema transversal a ser abordado.

Nesta oficina estavam presentes 29 cursistas, sendo observado que para muitos cursistas era o primeiro contato com o filme “A Princesa e o Sapo”, daí a importância de exibí-lo integralmente. Antes da exibição do filme a ministrante Senyra Martins preocupou-se

de dar uma explanação geral sobre o que se tratava, para que o foco não fosse desviado e não houvesse grandes surpresas, evitando as frustrações por parte dos cursistas que já havia formado certa concepção sobre o que iria ser tratado. A história do filme vem da princesa do conto de fadas, porém no conto não está presente a princesa negra. Foi relatado que a primeira-dama dos EUA, Michelle Obama, sentiu-se homenageada pelo fato da princesa ser negra.

3. RESULTADOS

O filme “A Princesa e o Sapo” mostrou com bastante clareza questões como a interdisciplinaridade (Geografia – senso de direção, pântano, etc.; Biologia – biodiversidade em áreas de pântano, etc), mas preferimos destacar a pluralidade cultural (negro/branco, Cultura africana, prática do rito de passagem).

Destacamos para os cursistas a necessidade de identificar os objetivos que queremos trabalhar sempre antes de exibir uma imagem, observando a plurissemia das imagens. Neste filme, em particular, desçamos a presença de uma polêmica sobre se ele seria adequado para a exibição às crianças, por apresentar “um lado sombrio” tanto na forma como a Cidade de New Orleans (presença explícita do vodu e de sua prática) é focalizada quanto pela presença de alguns personagens (pacto com o diabo, magia negra, transmorfismo, etc).

É comum ouvir os adultos questionando o filme “A Princesa e o Sapo”, no que diz respeito a ser ou não adequado à exibição para as crianças. Podemos destacar que a mídia mostra questões tão ou mais controversas, que crianças não devem assistir e acabam assistindo assim mesmo. Se o professor preferir, poderá editar e retirar excertos, podendo assim trabalhar os aspectos de moral e religião com as crianças dos ciclos 1 e 2. Já com os demais ciclos pode trabalhar inclusive a questão da ética.

Como a grande maioria não conhecia o conteúdo do filme, optamos pela sua exibição



integral. Com o término do filme, houve um pequeno intervalo para que os cursistas pudessem providenciar as reproduções das atividades proposta pela ministrante e o interesse foi unânime quando observamos que após o intervalo todos estavam com as respectivas atividades e prontos para a discussão. A ministrante iniciou a discussão com a exibição de slides no data show, intercalando com a discussão.

Na discussão foi destacado a perspectiva neoliberal e neoconservadora dos PCN's em seu trabalho com o tema da Pluralidade Cultural, a partir da distinção entre os termos pluralidade cultural, diferença cultural e multiculturalismo, bem como o emprego conflituoso dos termos “diferença/diferente”. “Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem”, essa citação retirada do PCN mostra a relação de respeito com o diferente. Os cursistas mostram-se bastante interessados e não perdem a oportunidade de ir fazendo as devidas anotações. A partir da citação, começa a se debater sobre o preconceito que existe sim no Brasil, sendo a maioria da população negra e com renda mínima ou inexistente.

Houve o relato sobre o *bullying* promovido pela mídia que molda a sociedade para certo modelo de corpo e cor de pele, ocasionando assim *bullying* entre a mulher real e a mulher “modelo”. Referiu-se à aposentadoria da modelo Gisele Bündchen, na qual a mídia vai influencia nos padrões estéticos das mulheres, ou seja, os padrões de beleza sendo estereotipados e quanto mais valorizado, mais distante do padrão afrodescendente.

Nas discussões, falamos em preconceito e o a segregação racial promovida pelo *Apartheid* sul-africano, mas também no norte-americano nos anos 60 pela completa separação entre brancos e negros, como por exemplo, bebedouros/banheiros/escolas/bancos de praça específicos para brancos e para negros. Comentamos também como o cinema caracteriza o negro como “malvado” e o branco como “bondoso” e que mulheres sozinhas quando encontram na rua homens negros já se assustam, desconfiando de sua credibilidade. Por outro lado, se for um branco, acaba passando despercebido.

Experiências vividas pelos cursistas começaram a ser expostas e articuladas ao conteúdo do filme, como a do filho de uma cursista, que sofreu influência de um seriado que assistia para falsificar sua nota. Então, a partir desta experiência foi mostrado que mesmo que a criança faça algo errado, ela estará ciente que seu erro poderá ser descoberto e que haverá uma punição (ética da punição – caótica- sempre esperamos uma punição). Outro cursista levanta a questão da religião, de como ela é trabalhada no filme, destacando o preconceito em relação à religiosidade de origem africana. Foi citado que o vodu não trabalha para o mau, mas que Mama Odie (personagem do filme) utilizava-o para ajudar os animais. Crianças poderiam se sentir ofendidas em relação ao vodu presente nas imagens do filme, pois sendo ela de família que o pratica pode renegar tal cultura, pois é mostrada como mau no filme. Pelo motivo exposto, é importante mostrar os dois lados e explicar que sempre haverá pessoas que irão querer se aproveitar de alguma situação independente de sua religião.

Pela educação pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais. Contudo, ao mesmo tempo em que não se aceita que permaneça a atual situação, em que a escola é cúmplice, ainda que só por omissão, não se pode esquecer que esses problemas não são essencialmente do âmbito comportamental, individual, mas das relações sociais, e como elas têm história e permanência. O que se coloca, portanto, é o desafio de a escola se constituir um espaço de resistência, isto é, de criação de outras formas de relação social e interpessoal mediante a interação entre o trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se crítica e responsabilmente perante elas (BRASIL, 1997, v. 10, p. 39).

Houve uma intervenção bastante interessante quando se trata do preconceito em relação ao vilão ser negro e o branco não ser mau. Foi comentado que no cinema a sociedade estereotipa um indivíduo por sua cor/raça, e que o professor potencialmente possa reverter essa visão agindo como mediador e trabalhando essas questões, pela devida importância de mostrar antes da exibição de qualquer que seja o filme uma sondagem do que se trata, para que não se perca o foco. Passando este momento de discussão, os cursistas responderam aos exercícios com bastante empolgação. Estando os exercícios bem criativos, envolvendo a boa



memória, operação matemática e pintura de imagens. Pode-se concluir que a oficina foi satisfatória, produtiva e que conseguimos realizar todas as tarefas, assim como alcançar os objetivos estabelecidos.

4. DISCUSSÃO

Quando o termo pluralidade é colocado em questão a própria palavra em si já remete a múltiplos significados, Para o Dicionário Houaiss (2004, p. 576), Pluralidade é o fato de existir em grande quantidade, de não ser único: multiplicidade, diversidade, maioria, característica de uma palavra que está no plural. Portanto está caracterizando e adjetivando tudo aquilo que se apresenta e se reuni em inúmeras formas e diversificados, variados e multifacetados sentidos ou modelos. Já a Cultura é algo mais complexo a ser conceituado, uma vez que a sua constituição e significado são tidos como dinâmicos, difusos e variáveis;

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL, 1997, v. 10, p. 19).

Uma vez que estes termos encontram-se juntos em uma única formação e direcionando para a constituição de um sentido mais amplo e que se complementam, surge um emaranhado ainda maior de significados e significantes geralmente atrelado a contestações e conflitos, uma vez que as diferenças e multiplicidades de cada Cultura nem sempre é bem vista ou aceita pelos variados grupos que a constituem. O homem enquanto ser social não pode ser desvinculado de sua cultura e de sua formação histórico-social, e a Pluralidade cultural é o construto que agrega em um denominador comum a possibilidade de falar e contemplar todos estes campos culturais que o homem em sociedade formou durante os tempos; portanto para se falar de formas plurais de cultura deve-se entender sua complexidade, despir-se de arranjos



preconceituosos sobre a mesma e saber analisá-la sobre as diversas óticas e pontos de vista que o homem desenvolveu para refleti-la.

Assim diversos também são as linhas de pensamento que são utilizadas para explicar a Cultura e o seu relacionamento com os indivíduos e a sociedade. O Multiculturalismo crítico defendido por diversos autores atuais se coloca na defesa do pensamento crítico, do respeito e da hibridização das culturas por acreditarem que a boa convivência entre os indivíduos de diversas culturas diferentes só se dará pela experimentação da cultura alheia. Colocar-se no lugar dos indivíduos mitigando ou eximindo as formas de dominação cultural entendendo que cada cultura é diferenciada, mas que possui suas qualidades e contribuições, onde o ser diferente deve se sobressair a distinção e a pura tolerância. Para McLaren (1997, p. 106)

Em nossa cultura pós-moderna predatória e hiperfragmentada, a democracia é mantida através do poder de controlar a consciência e de semiotizar e disciplinar corpos através do mapeamento e manipulação de sons, imagens e informações e de forçar a identidade a refugiar-se em formas de subjetividade crescentemente experienciadas como isoladas e separadas de contextos sociais maiores.

Essa afirmação retrata bem o campo de conflitos permeado por disputas, poder, dominação e ideologias, onde a cultura é perpassada, nesta perspectiva muitas guerras foram originadas pela intolerância, incompreensão e falta de pensamento plural das sociedades humanas. Os contextos de dominação sempre partiram das maiorias brancas, patriarcais, capitalistas, etnocêntricas que visam ideologicamente se sobrepor as minorias étnicas, de gênero, de classe, geográficas, dentre outras.

Em Candau (2008), observamos esse surgimento de sociedade em deslocamento de repulsão social e cultural onde os grupos sociais semelhantes se aglomeram e partilham somente entre si referenciais socioculturais comuns, excluindo por consequência aqueles que a eles são diferentes, originando a cultura do *eu* e a cultura do *outro*.

As nossas maneiras de situarmo-nos em relação aos outros tende “naturalmente”, Isto é, estão construídas, a partir de uma perspectiva etnocêntrica. Incluímos na categoria “nós”, em geral, aquelas pessoas e



grupos sociais que tem referenciais culturais e sociais semelhantes aos nossos, que tem hábitos de vida, valores, estilos, visões de mundo que se aproximam dos nossos e os reforçam. Os “outros” são os que se confrontam com estas maneiras de nos situar no mundo, por sua classe social, etnia, religião, valores, tradição, etc (CANDAUI, 2008, p. 29).

A Pluralidade Cultural neste sentido tem como grande desafio a promoção da disseminação do respeito ao indivíduo e sua cultura independente de que forma ela se apresenta, a diminuição das desigualdades e preconceitos, a democracia de uma sociedade plural onde os diferentes grupos e culturas convivam sem subjugações, e onde a formação cidadã reflita a importância do acesso ao conhecimento socialmente acumulado pela humanidade. Neste sentido a educação e a escola estão diretamente envolvidas e devem empregar esforços para que a pluralidade cultural seja uma ação efetiva consistente e sólida na formação dos indivíduos.

Contudo a escola ainda deixa a desejar na evolução multicultural, ainda apresentando formas e padrões etnocêntricos de promoção da cultura, desfavorecendo ou apagando indivíduos culturalmente diferentes por meio de abordagens assimilacionistas que homogeneízam, mascaram preconceitos e promovem a hegemonia cultural dos grupos dominantes para com as minorias. Em nome do englobamento na cultura comum todos são convidados à apagarem suas especificidades, como coloca McLaren (1997, p. 115), “um pré-requisito para juntar-se à turma é desnudar-se, desracializar-se e de sua própria cultura”, acrescento ainda que essa desapropriação sempre vem agregada de abstração implícita ou explícita de uma forma de dominação cultural predominante, imposta e que se faz diferente da que foi deixada paralisada nos portões da escola ao se adentrar na mesma.

Os professores por falta de preparo ou até por preconceitos guardados, muitas vezes presenciam na sala flagrantes de discriminação, no qual deveriam utilizá-los como momentos pedagógicos para discutir a diversidade e mostrar aos alunos a devida importância que ela traz tanto para nossa cultura, como na nossa identidade cultural.

Na maioria das vezes sentem pena do indivíduo discriminado em vez de uma atitude



responsável que consistiria em mostrar que a diversidade não é um fator de superioridade ou inferioridade entre os grupos humanos e sim um fator de enriquecimento da humanidade em geral, deveriam ajudar o aluno discriminado a sentir orgulho e dignidade dos atributos de sua diferença. Pois a educação é capaz de oferecer a todos a possibilidade de desconstruir os mitos, como mostra (MANTOAN, 2008, p. 150)

Promover mudanças, no sentido de substituir padrões de regularidade tão arraigados, demanda algumas providencias de ordem teórica e prática. É preciso contemplar perspectivas que coloquem uma dimensão histórica na construção dessa categoria, de forma a permitir que as diferenças sejam percebidas como enriquecimento e não como obstáculo a um padrão único inexistente, mas tantas vezes proclamado. É preciso também que este espírito de mudança renove a operacionalização no âmbito da sala de aula, buscando a perspectiva de valorização da diferença, ao invés da homogeneização.

A escola é entendida como responsável pelo processo de socialização, por isto são os locais mais importantes para examinar e desestimular a discriminação. O professor tem que fazer uso de diversos aspectos para estabelecer no meio educacional a relação de respeito a diversidade, seja ela racial, social ou cultural, e contribuir de maneira positiva para que sejam aceitas as especificidades existentes, ela deve buscar a formação plena da cidadania garantindo a diversidade e visando a eliminação das desigualdades e comportamentos que venham a discriminar alguns indivíduos, de modo a promover a diversidade em todos os aspectos e a inclusão.

A busca de ser por uma perspectiva intercultural que para Candau (2008, p. 23) se dá por

Uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o dialogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas.



Uma educação que promova o reconhecimento das inúmeras identidades culturais, que desvele o “daltonismo cultural” (CANDAUI, 2008), que supere a visão do *outro* como fonte do mal, como um sujeito alheio pertencente a um grupo sociocultural diferente, ao ainda alguém a ser tolerado em sua cultura. E para se alcançar essa educação o meio mais eficaz se dá pela promoção do acesso a pluralidade cultural, que no Brasil está contemplado dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), no volume que trata dos Temas Transversais e ética (v. 08), e no volume destinado especificamente a Pluralidade cultural e orientação sexual (v. 10)

A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados. Sabe-se que as regiões brasileiras têm características culturais bastante diversas e a convivência entre grupos diferenciados nos planos social e cultural muitas vezes é marcada pelo preconceito e pela discriminação. O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural (BRASIL, v. 08, p. 27)

Os veículos empregados neste sentido são os mais diversos e contemplam materiais que vão desde os mais usados em sala de aula até na mídia, a televisão, o cinema; estar atento a estes mecanismos e analisá-los criticamente se faz essencial uma vez que podem expressar valores e concepções de variados papéis sociais. As relações de dominação estão presentes em diversos locais, nos programas de televisão, nos comentários dos adultos, e estão presentes em todo o universo escolar, e os professores não devem silenciar o tema como se ele não existisse retardando assim a busca por soluções. Dar oportunidade de análise crítica e escolha dos materiais também é um meio de desenvolver a prática cultural, uma vez que o indivíduo pode perceber sua presença na sociedade e refletir suas escolhas, valores e cultura própria e alheia.

5. CONCLUSÕES

Ao decorrer da oficina vimos que queremos dar sentido a tudo, acabando rotulando tudo e todos. Associamos o magro à pessoa doente, o gordo seria uma pessoa preguiçosa, a mulher fraca e o homem forte. Estando ciente que nosso público precisa entender o que queremos mostrar e que para isso precisamos procurar um vocabulário simples, de fácil entendimento, atendendo a todos, mas esse vocabulário não estará presente apenas nos Parâmetros, precisamos buscar fora, ou seja, viver a pluralidade, pois dessa forma adquiriremos novos conhecimentos que poderão ser compartilhados com as crianças ou sociedade em geral, deixando o senso comum de lado (aquele que faz com que passamos para as conclusões, sem analisar toda história e utilizando da imaginação para dar os sentidos tão procurados pela população). Isso é derivado devido à falta de tempo para a reflexão, que hoje está sendo trocada pelos fones de ouvidos com músicas em ônibus ou as mídias que acabam ocupando esse lugar, ou seja, aquele “tempinho de folga” das atividades rotineiras utilizamos muitas vezes de forma fútil.

Abrçar a perspectiva do professor como intelectual transformador implicaria não julgar/estereotipar, não ditar certos padrões aos alunos. Para que o trabalho do profissional da educação seja efetivo, o mesmo precisa confiar no projeto pedagógico da escola, mostrar firmeza e confiança junto aos educandos no trato com os temas rotulados como “delicados”. O professor tem a função de mostrar a realidade, sem estereotipá-la ou simplificá-la, mas muitas vezes os professores sofrem com os mesmos julgamentos por sua cor, raça, religião ou sexualidade.

O tema pluralidade cultural, portanto se faz de grande valia para quem se preocupa com a educação, por isto na elaboração do currículo deve haver a diversidade da cultura e dos grupos étnicos que integram a sociedade. É indispensável que os livros didáticos e os



currículos estejam isentos de intolerância, mas sim tragam reflexões a cerca das contribuições dos grupos culturais para a formação da cultura brasileira e da nação. A superação das desigualdades é uma necessidade moral e uma tarefa política, mas a educação é o melhor meio para alcançar a vitória deste esforço.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Flavio Antonio. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAVALCANTI, S. M. Projeto de Extensão O Cinema na Sala de Aula: Assessoria e Capacitação para o Uso Didático-Pedagógico de Filmes nas Escolas Públicas do Ensino Fundamental de Campina Grande-Pb. Campina Grande: PROEX/UEPB, 2013. 17p.

CAVALCANTI, S. M.; QUIRINO, S. R. M. F.; SILVA, T. dos S.; SILVA, Y. G.; SOUSA, S. C. de. O CINEMA DE ANIMAÇÃO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES. Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_6datahora_22_09_2013_15_23_35_idinscrito_207_f68c8da68fb3d3a0d7ba95d6c61717f9.pdf

DUARTE, R. Cinema na escola. In: *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Coleção Temas & Educação) (p. 85-96)

GIROUX, H. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. (p. 132-158)

GODARD, J-L. Godard e a Educação. In: COUTINHO, M. A.; MAYOR, A. L. S. (Orgs.). *Jean-Luc Godard ou a pedagogia do Não*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Alteridade e Criação, 1). (p. 19-25)

MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.



Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MANTOAN, M. T. E. *O desafio das diferenças nas escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.